

# O regresso dos canibais

••• Parafraseando Georges Arnaud eu diria: «O Camboja não existe, eu estive lá.»

E estive; e relatei essa experiência na revista **Triunfo**, de Madrid, e no **Diário de Lisboa**. Visitar um mundo como aquele, devastado pelo delírio torcionário dos khmeres vermelhos de Pol Pot, é descer aos infernos e conhecer o genocídio como uma ordem estabelecida em proporções que a razão humana se recusa a acreditar. Em menos de quatro anos de império, o sinistro «revolucionário» tinha desfigurado Pnom Penh, a Capital das Cinco Torres que deslumbrara Malraux, e aberto fossas pelos campos com milhares de cadáveres amontoados.

Substituindo a família e a escola por um exército de partido e a «medicina capitalista» por fundamentos e práticas «tradicionais» arrogantemente elementares, estes iluminados do comunismo primitivo proclamavam a destruição do espírito burguês, desde a abolição da moeda à chaci-

na dos intelectuais. Sórdidos e rudes, instituíram a morte como método de organização e promoveram uma infância e uma juventude fanatizadas por ela.

Vi torturadores de quinze anos que a tinham manejado em soluções sumárias, utilizando o fogo ou perfurando ventres com lanças de bambu. Vi as forças de Tuol Sang, um antigo liceu transformado em central da Jovem Guarda de Pol Pot, e soube da sinistra indústria da morte que os khmeres instituíram, adubando as culturas experimentais do arroz com cadáveres incinerados. Chega. A minha mão suspende-se ao descrever esta paisagem.

Agora que os khmeres vermelhos vão regressar ao Camboja sob a bandeira da paz, que remorso ou que inconsciência ilumina os seus rostos de morte? Que confiança podem insinuar, eles que ainda hoje, hoje mesmo, prosseguem nas suas incursões de morticínio?

*José Cardoso Pires*



## A MOSCA

